

LICENÇA CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.



IMAGENS BENJAMINIANAS PARA PENSAR RELAÇÕES ENTRE INFÂNCIA, EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS E NATUREZA

BENJAMINIAN IMAGES TO REFLECT ON THE RELATIONS BETWEEN EARLY CHILDHOOD, EDUCATION OF YOUNG CHILDREN, AND NATURE

IMÁGENES BENJAMINIANAS PARA PENSAR RELACIONES ENTRE INFANCIA, EDUCACIÓN DE NIÑOS PEQUEÑOS Y NATURALEZA

Daniele Marques Vieira¹

¹Doutora em Educação pela UFPR. Docente da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil.

Resumo: Este texto apresenta um ensaio cujo objetivo é pensar relações entre infância, educação de crianças pequenas e natureza pelo diálogo narrativo. Parte da perspectiva benjaminiana sobre cultura infantil para pensar a ação da criança no contexto educativo e, para isto, vale-se da experiência educativa e sua reflexão, a fim de compreendê-la. Inspira-se em estudos acerca de indagações narrativas (CONTRERAS, 2017) como possibilidade de pensar relações educativas com o uso de fotografias (VIEIRA, 2016) e propõe uma metodologia de investigação com memórias narrativas e narrativas visuais (COUTINHO, 2010) à produção de dados a serem analisados. Denota-se pela possibilidade reflexiva da narratividade da memória e da fotografia, que se voltar a fragmentos do vivido oferece como possibilidade, para além da interpretação, pensar o lugar dos sujeitos nas relações que decorrem de suas interações com o meio e consigo próprio.

Palavras-Chaves: Relações Educativas, Infância, Natureza.

Abstract: This essay is intended to prompt reflection on the relationships between early childhood, the education of young children, and nature through a narrative dialogue. Based on the Benjaminian perspective of children's culture, it thinks about the child's action in the educational context. For this, it draws on the educational experience and its reflection, in order to understand it. It is inspired by studies about narrative inquiries (CONTRERAS, 2017) as a possibility of thinking about educational relations with the use of photographs (VIEIRA, 2016), and proposes a research methodology with narrative memories and visual





narratives (COUTINHO, 2010) for the production of data to be analyzed. It is noted, for the reflexive possibility of the narrativity of memory and photography, that looking at fragments of experience offers as a possibility, beyond interpretation, thinking of the place of the subjects in the relations that arise from their interactions with the environment and with themselves.

Keywords: Educational Relations, Childhood, Nature.

Resumen: Este texto presenta un ensayo sobre relaciones entre infancia, educación de niños pequeños y naturaleza. Parte de la perspectiva benjaminiana sobre cultura infantil para pensar la acción del niño en el contexto educativo y para ello, se vale de la experiencia educativa y su reflexión a fin de comprenderla. Se inspira en estudios acerca de indagaciones narrativas (CONTRERAS, 2017) como posibilidad de pensar relaciones educativas con el uso de fotografías (VIEIRA, 2016) y propone una metodología de investigación con memorias narrativas y narrativas visuales (COUTINHO, 2010) a la producción de datos a ser analizados. Se denota por la posibilidad reflexiva de la narratividad de la memoria y de la fotografía, que volverse a fragmentos de lo vivido ofrece como posibilidad, más allá de la interpretación, pensar el lugar de los sujetos en las relaciones que se derivan de sus interacciones con el medio y consigo mismo.

Palabras Clave: Relaciones Educativas, Infancia, Naturaleza.

ESCONDERIJOS

Conhecia todos os esconderijos do piso e voltava a eles como a uma casa na qual se tem a certeza de encontrar tudo sempre do mesmo jeito. Meu coração disparava, eu retinha a respiração. Aqui, ficava encerrado num mundo material que ia se tornando fantásticamente nítido, que se aproximava calado. Só assim é que deve perceber o que é corda e madeira aquele que vai ser enforcado. A criança que se posta atrás do reposteiro se transforma em algo flutuante e branco, num espectro. A mesa sob a qual se acocora é transformada no ídolo de madeira do templo, cujas colunas são as quatro pernas talhadas. E atrás de uma porta, a criança é a própria porta; é como se a tivesse vestido com um disfarce pesado e, como bruxo, vai enfeitiçar a todos que entrarem desavisadamente¹.

Walter Benjamin

Nesse fragmento da memória de Infância em Berlim, por volta de 1900, Benjamin (1995) alude à sua experiência de criança e retrata a perspectiva do olhar infantil sobre um espaço conhecido, rememorado por vestígios do vivido. A memória como imagem convida a adentrar nesse lugar construído por sensações, sentidos e significados impressos na criança, cuja imaginação transforma elementos materiais em entidades ressignificadas.

Em outra de suas passagens, quando aborda a História cultural do brinquedo, Benjamin (1986) destaca o caráter antinômico às relações que as crianças estabelecem com os materiais no ato de brincar como uma característica própria a elas.

Por um lado, verifica-se que nada é mais próprio da criança que combinar imparcialmente em suas construções as substâncias mais heterogêneas – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais sóbrio com relação aos materiais que a criança: um simples fragmento de madeira, uma pinha ou uma pedra reúnem na solidez e na simplicidade de sua matéria toda uma plenitude das figuras diversas. E ao imaginar para as crianças bonecas de bétula ou de palha, berços de vidro, navios de zinco, os adultos estão interpretando à sua moda a sensibilidade infantil. (BENJAMIN, 1986, p. 246-247)



Em sua perspicácia sobre o modo como a criança interage com os elementos do meio em que está inserida, Benjamin sugere pensar na ação da criança, ao combinar imparcialmente matérias que se diferenciam em sua natureza como um ato inerente à exploração livre do novo, o que se evidencia pela manipulação que exerce sobre as coisas; enquanto a sobriedade com que a criança significa os materiais indica essa perspectiva de enxergar a matéria em sua “solidez e simplicidade” por meio da percepção de sensações cujas características lhe imprimem. Assim, manipulação e percepção parecem revelar esse caráter antinômico a que se refere Benjamin, capaz de magnetizar a criança pela curiosidade sobre a finitude concreta da matéria e pela atração em testá-la, o que de certo modo a intriga e convida a explorar suas possibilidades.

Deixando-se impregnar pela imagem benjaminiana, pode-se pensar no ambiente em que a criança está inserida e no que a provoca como uma atração sobre as coisas do mundo. Seria a sensação de mistério causado pela finitude concreta da matéria a despertar a busca por sua essência? A ideia de uma finitude que não contém uma forma definida, senão, a matéria como elemento em si mesma - madeira, pinha, pedra -, consolidada por propriedades que lhe são peculiares, pode ser apropriada por meio da manipulação; por fazer parte de um contexto real, tal como os elementos naturais são originários da natureza, a percepção de sua essência conduz ao caminho do desvelamento de um mistério cuja imaginação da criança se ocupa e dá vazão a inúmeras possibilidades interpretativas, conforme o sentido que tem para ela.

Deste modo, ao ser apresentada à matéria como objeto da cultura, a criança interage com os elementos sob gestos que a movem em sua curiosidade para desvelá-la. Conforme Benjamin (1986) inspira a pensar, esse encontro se configura como um momento que enseja a criança a explorar o objeto pela manipulação e pela percepção de suas propriedades e relacioná-las em seu mundo de vida sob uma liberdade de apropriação e associação. E entre essas ações de manipular e perceber, a criança pode relacionar, associar e apropriar-se das coisas de um modo em que se imbricam intimidade e imaginação.

Disso se pode depreender que, ao agir sobre esse mistério contido em um objeto da cultura, a criança o faz como quem desvenda um enigma. Explorando-o em suas características definidoras - textura, cor, dureza -, a criança conforma de intimidade essa interação, da qual resulta um profundo conhecimento sobre a matéria. Ao mesmo tempo em que “um simples fragmento de madeira” sem uma forma dada implica a criança pela imaginação que permite transmutar solidez e simplicidade em “instrumento de brincar²” (BENJAMIN, 1986). Sob essa perspectiva, a concreção de transmutar a matéria em algo, portanto, parece depender do imaginário que habita a mente da criança, uma vez entendido que é por meio da imaginação que a criança ressignifica um fragmento de madeira em qualquer coisa, tantas vezes quantas ela queira.

Seria então a capacidade de imaginar o que permitiria à criança transcender a manipulação e a percepção, como ações intrínsecas à exploração das características da





materialidade as quais demarcam o vivido, para ressignificá-las atribuindo sentidos a elas? Seria a conformação do imaginário, como composição de elementos relacionados por um sentido muito particular à criança, a interpretação dos significados atribuídos a esses elementos, cujas referências se constituem de seu repertório vivencial?

Em consonância com a perspectiva benjaminiana, se pode relacionar a vivência infantil como oportunidade à exploração propiciadora de intimidade com o mundo, o que resulta em conhecimento sobre ele. Esse repertório vivencial e a transmutação decorrente da capacidade de imaginar e relacionar significados caracterizariam o modo de interação da criança no meio. Nesse sentido, exploração e transmutação soam como elementos dessa interação, pelas quais a criança se mobiliza em suas vivências, na percepção da realidade e sua concreção, constituindo um modo próprio de construir seus referentes.

No entanto, a criança não está só, uma vez que sua inserção no meio sociocultural ocorre pela mediação de outros sujeitos, sejam crianças mais experientes ou adultos. Estes lhes apresentam conhecimentos sobre o mundo, construídos e consolidados na tradição, tais como as regras da sociedade e os bens culturais, dentre os quais, aqueles que consideram pertinentes às crianças. Acerca disso, Benjamin (1986) alerta sobre a interpretação que os adultos fazem à sua maneira da “sensibilidade infantil” em torno das coisas do mundo como base para a produção de brinquedos às crianças. Tal crítica se deve ao fato de que, ainda que os adultos elejam elementos oriundos da natureza por uma constatação de que eles atraem as crianças, ao reduzir esses elementos a objetos com formas definidas, determinam a sua versão de cultura infantil como referente, sugerindo a mera reprodução em detrimento das possibilidades que a criança teria de imaginar.

A fim de compreender o papel da prática educativa e sua influência sobre a atividade de crianças pequenas³ na sua relação com o meio, sob uma perspectiva benjaminiana que relaciona imaginário e materialidade pela percepção e manipulação por esses sujeitos, esta investigação se utiliza da fotografia como aparato de observação para pensar a experiência educativa (VIEIRA, 2016), por se constituir instrumento de apreciação cuja recepção da imagem sugere múltiplas interpretações. Para Benjamin (1986), “há um inconsciente ótico que a fotografia sugere em sua revelação, não perceptível na materialidade impressa pela configuração de seus elementos, mas naquilo que podemos apreender dela” (VIEIRA, 2016, p. 66). Com isto, a investigação propõe como metodologia a produção de narrativas visuais (COUTINHO, 2016), as quais configuram cenas que evidenciam modos de agir dos sujeitos em foco e ensejam a reflexão e a construção de sentidos à exploração e à transmutação da ação manifesta por eles em suas interações em dado contexto. Tendo como pressuposto a ideia de espaço-ambiente como uma estrutura de oportunidades em que estão implicadas a intencionalidade pedagógica e as interações, por uma trama de relações (SABALZA, 2002; VIEIRA, 2016), é que se propõe nessa investigação pensar relações entre infância,



educação de crianças pequenas e natureza pelo diálogo narrativo, em um contexto da educação infantil⁴ que anuncia em sua proposta a inter-relação desses elementos.

Delineia-se acerca desse recorte investigativo à luz de uma concepção benjaminiana de infância, que situa a criança como um ser prenhe de curiosidade e inventividade para conhecer o mundo; a compreensão da educação como experiência, cujos saberes a ela concernentes se constroem pela reflexividade da prática educativa (CONTRERA; PÉREZ, 2010; VIEIRA, 2016); e a natureza como referência e lugar de encontro com a finitude da matéria que gera possibilidades à constituição da experiência pelos sujeitos. Para tanto, a metodologia proposta permite o diálogo entre **memórias narrativas**, das quais surge a representação da experiência educativa que se referencia em um pensamento pedagógico decorrente do método de investigação inspirado na indagação narrativa (CONTRERAS, 2017), e **narrativas visuais**, que tomam a observação como atitude investigativa e os recursos visuais como procedimentos de geração de dados no cotidiano educativo (COUTINHO, 2010; 2016; VIEIRA, 2016).

O exercício de pensar a educação de crianças pequenas como narrativa que indaga e enreda relações entre pensamento pedagógico e imaginário infantil mediante a interação dessas com elementos da natureza, em cenas delineadas pelo olhar fotográfico, constitui um convite à sua compreensão.

Das possibilidades do encontro com o outro ou consigo mesmo

Na Educação Infantil, a prática educativa revela claramente duas tendências manifestas em distintas abordagens: de um lado perspectivas diretivas arraigadas em modelos de ensinar ou estimular o desenvolvimento infantil, demarcadas por determinações da ação do adulto sobre a criança; de outro lado perspectivas interativas em que subjaz a premissa da conquista pela criança de sua autonomia por meio da própria ação, ou seja, desde suas capacidades desenvolvidas para alcançar outras, em que importam as oportunidades oferecidas para ela no ambiente em que está inserida às inúmeras interações, com as materialidades e os sujeitos.

Parte-se desta segunda perspectiva para demarcar a abordagem pedagógica com crianças pequenas, pela qual se propõe a presente análise, tendo em conta que é o adulto quem propicia a estrutura de oportunidades com a qual irão se relacionar. Nesse sentido, pode-se pensar na ação da criança pequena como cultura infantil, não determinada pelo adulto, mas decorrente da sua interação com aquilo que ele seleciona para configurar o ambiente educativo. Ao ser acionada pelos elementos do meio, a criança pequena realiza sua atividade, se movimenta, encontra o objeto de desejo e o explora por meio dos sentidos e das suas habilidades e, relacionando-o por meio do imaginário com seu repertório de sensações e percepções do mundo, constrói suas referências. Pela ação





investigativa, este sujeito constitui uma maneira sensível de conhecer, estabelecer relações e significar o mundo, interpretando à sua maneira aquilo que é capaz de perceber acerca das materialidades e das ações do outro, tal como parece construir cultura. O papel do outro - adulto ou crianças mais experientes -, como agente de cultura, pode favorecer e legitimar a ação da criança pequena, seja por compartilhar saberes em suas interações, provocar e promover novas possibilidades à sua ação e compreensão de seu contexto de vida ou apenas por garantir a regularidade de ações cotidianas pelas quais se constrói a vinculação dos sujeitos à cultura.

Mas, nessa trama de relações que implicam os sujeitos em suas interações com o meio, sob influências recíprocas, como seria possível à criança pequena, munida do seu modo peculiar de enxergar o mundo, extrapolá-lo, transcendê-lo, transformá-lo, para transmutar o concreto em algo com sentido para si?

Pode-se pensar que a exploração do espaço pela manipulação dos materiais, tal como descreve Benjamin acerca da investigação pela criança das matérias oriundas da natureza, como forma sensível de se apropriar do mundo, sugere um tatear em que ela parece embeber-se das propriedades desse elemento-objeto: seria essa a maneira pela qual a criança constrói conhecimento? Seria um modo própria da criança, conhecer por meio do tocar e deixar-se tocar, cuja percepção se lhe imprimiria as propriedades do concreto e as sensações do vivido?

Tais indagações convidam à reflexão da experiência educativa com crianças pequenas, daquilo que consolida saberes sobre o *ser criança e sua atividade* e a *observação cotidiana* que produz imagens dos sujeitos em suas relações com o meio.

Dado que pensar a experiência educativa sempre restitui a experiência de um novo olhar (VIEIRA, 2016), esta investigação se inspira na perspectiva da indagação narrativa de Jean Clandinin e Michael Connely (apud CONTRERAS, 2017), cujo propósito não é interpretar a realidade do ser criança, mas propiciar uma nova relação com ela, pois "não pretende a interpretação do outro, senão o desejo de saber a partir da relação com o outro, isto é, de continuar pensando narrativamente o que esta relação de experiência e saber geram em nós" (CONTRERAS, 2017, p. 26). E de certo modo, a indagação narrativa reacendida na memória constitui oportunidade para confrontar concepções.

Enquanto a observação cotidiana, representada na documentação pedagógica⁵ pela fotografia (VIEIRA, 2016), se constituiu: do acompanhamento da prática educativa por meio de registro periódico de sessões propostas com regularidade semanal e sua catalogação em pastas com as imagens digitalizadas e identificadas pelas coordenadas de tempo, espaço e materialidade; da análise dos momentos capturados nas sessões como oportunidade a rever o vivido pelo sujeito em foco, perceber nuances do seu processo, revisitar o olhar que capturou a realidade em determinado momento sob a observação imediata (BENJAMIN, 1986), que refere a experiência educativa da pesquisadora-fotógrafa em seu caráter semiótico e estético - filtro cultural que move



o olhar fotográfico⁶; e da produção de narrativas visuais (COUTINHO, 2010), a partir desses fragmentos do cotidiano em que a ação da criança sugere uma infinidade de relações, as quais foram eleitas pela pesquisadora como uma possibilidade narrativa para propor a reflexão da experiência educativa considerando os elementos predefinidos pela investigação - infância, criança pequena e natureza.

Assim, essa investigação permite pensar a partir de práticas com crianças pequenas e das narrativas visuais produzidas na relação com estes sujeitos, possibilidades à compreensão de processos vividos no contexto educativo como saberes construídos pela reflexividade da prática e que consiste na própria experiência educativa.

A fim de realizar o diálogo proposto, se denota que os fragmentos da memória narrativa da experiência da pesquisadora-fotógrafa com crianças pequenas foram acionados no decurso da documentação pedagógica realizada, uma vez que o olhar fotográfico está contido de conhecimentos referenciais sobre o foco de sua captura e emergem na reflexão; enquanto as narrativas visuais produzidas partiram do objetivo estabelecido de pensar relações entre infância, educação de crianças pequenas e natureza, para as quais foram selecionadas cenas que contivessem a interação da criança pequena com elementos da natureza e no próprio ambiente natural.

Mediante a produção de dados desta investigação, a memória é acionada como narrativa e suscita reflexão. A seguir, apresentam-se impressões sobre os modos de interação de crianças pequenas com os objetos do meio e algumas reflexões acerca disso.

Em minhas reminiscências me detenho em uma imagem de criança que explora um objeto pelo contato físico: mãos e dedos que tocam o objeto parecem despertar a cada contato, enquanto as sensações causadas na recepção da forma, do volume, da consistência, conformam o repertório de impressões que se constituem em referências desse encontro, diante dessa imagem que reconstituo de minhas memórias e traduzo pela experiência, mais uma vez me interrogo: se a criança significa os conhecimentos relacionados ao objeto por meio da percepção, o que a faz voltar-se para essa exploração? Seria a curiosidade que a natureza da matéria que forma o objeto lhe desperta? Seria o mistério que envolve a matéria o que conduz a criança a imaginar e lançar-se a um universo desconhecido do adulto, preche de novidades, surpresas e possibilidades? (Memória narrativa 1 - autora, 2018).

Pensando a memória narrativa como experiência, denota-se: desde o toque, a apreensão, a contenção, as sensações despertadas pela materialidade como conhecimentos constituídos na exploração às possibilidades que decorrem do domínio dos materiais pela criança pequena, seriam estes significados construídos na sua relação com o meio o que ela busca repetidamente reviver?

A seguir, volta-se aos fragmentos de uma situação educativa que consiste em uma prática do nível - berçário - oferecida semanalmente e realizada com um pequeno grupo de sujeitos entre 8 e 10 meses, cuja sessão durou cerca de 30 minutos. A prática, denominada Gaveta de Tesouros⁷, oferece elementos de materialidades distintas, oriundas da natureza - madeira, metal, sementes - e outros, que suscitam a investigação de suas características e propriedades pela sensorialidade que despertam. Uma vez que





o espaço-ambiente é preparado para propiciar a livre exploração do objeto pela criança pequena como um entorno ótimo (GODALL, 2016) - segurança, presença do adulto, adequação da materialidade - a evidência do gesto, sugere a atividade de se especializar na realização de um desejo, intencionalidade manifesta por ações explicitadas pela captura do olhar fotográfico, tal como as imagens (FOTOS 1, 2, 3 e 4) convidam a pensar.

Foto 1 - EXPLORAÇÃO DE ELEMENTOS NATURAIS.



FONTE: A AUTORA (2018).

LEGENDA: GAVETA DE TESOUROS, CRIANÇA DE 08 MESES, ESCOLA PARLENDÁ.

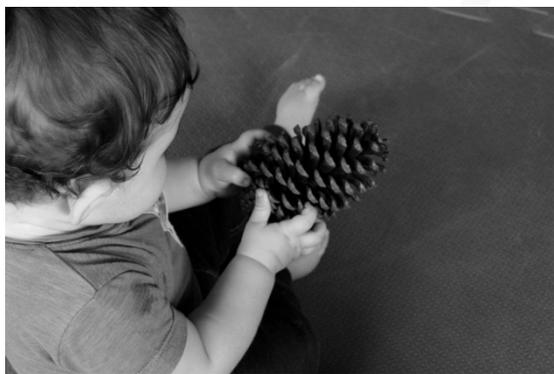
Foto 2 - EXPLORAÇÃO DE ELEMENTOS NATURAIS.



FONTE: A AUTORA (2018).

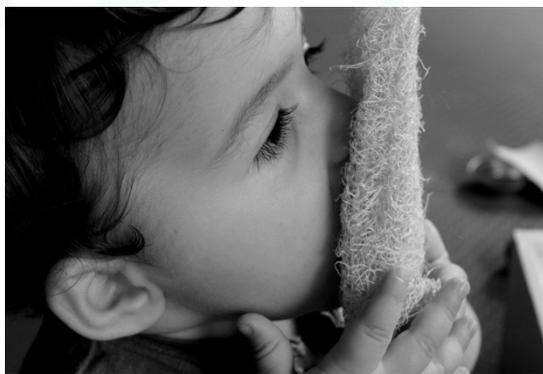
LEGENDA: GAVETA DE TESOUROS, CRIANÇA DE 08 MESES, ESCOLA PARLENDÁ.

Foto 3 - EXPLORAÇÃO DE ELEMENTOS NATURAIS.



LEGENDA: GAVETA DE TESOUROS, CRIANÇA DE 10 MESES, ESCOLA PARLENDÁ.

Foto 4 - EXPLORAÇÃO DE ELEMENTOS NATURAIS.



LEGENDA: GAVETA DE TESOUROS, CRIANÇA DE 10 MESES, ESCOLA PARLENDÁ.

Nestas imagens, as crianças em foco, de 8 meses (Fotos 1 e 2) e de 10 meses (Fotos 3 e 4), realizam sua atividade de exploração por meio de habilidades que detêm para alcançar o objeto de desejo. O domínio sobre o objeto se manifesta diferenciadamente conforme a ação que cada sujeito incide nele. Sob a perspectiva benjaminiana, pode-se perceber nas imagens sentidos à exploração pelas crianças que suas ações dão a pensar



como aquilo que a fotografia não captura, mas a memória aciona pela experiência. O gesto (Foto 1) se revela em ímpeto, como intenção de pegar o objeto, enquanto a forma do próprio objeto suscita a apreensão para dominá-lo, sugerindo a atividade principal nesse momento testemunhado. Na interação com a forma (Foto 2), os efeitos do objeto sob o toque provocariam a percepção pela criança do domínio sobre ele. A postura da criança (Foto 2) e sua expressão sugerem a consciência de uma emanção, a potência do gesto e do próprio corpo no domínio do objeto de desejo. Seria essa fração do tempo parado pela fotografia, oportunidade ao adulto de deparar-se com esse aspecto do desenvolvimento da criança para reconhecer nela sua potência?

Detém-se nas imagens dessa outra criança que experimenta materialidades por suas características de forma e textura. A primeira imagem (Foto 3) evidencia a habilidade da criança em conter o objeto-pinha e convida a pensar os efeitos de seu formato instigante, diante dos pequeninos dedos da criança adentrando seus vazios, à sua percepção como elemento da natureza. Na imagem seguinte (Foto 4), o gesto concretiza o desejo de provar a textura da materialidade, ao levar a bucha à boca, a criança parece deixar-se tomar pelas sensações que este objeto provoca, internalizando suas características. Para além do momento de êxtase capturado pelo olhar fotográfico, a memória narrativa denota que sentir o objeto pela boca, ação comum entre bebês, se constitui em um saber necessário à prática educativa para a escolha de objetos a serem disponibilizados, bem como as suas condições.

Pode-se constatar que o mundo onde a criança está lhe é apresentado pelo adulto. Contudo, o que a criança descobre e concretiza como conhecimento é construído da sua relação com esse mundo. Seguindo a pista da perspectiva benjaminiana acerca da distinção entre os pontos de vistas da criança e do adulto, enquanto no mundo do adulto o brinquedo idealizado de certo modo determina a atividade da brincadeira, tal como uma representação da realidade que pretende imitar ou induzir a criança à sua reprodução; no mundo da criança, ao contrário, é ela quem determina o sentido do brinquedo e lhe atribui significados na vivência de brincar.

Pois quanto mais atraentes são os brinquedos, no sentido usual, mais se afastam dos instrumentos de brincar; quanto mais eles imitam, mais longe eles estão da brincadeira viva. As várias casas de bonecas reproduzidas por Gröber⁸ ilustram esse fenômeno. Podemos descrevê-lo da seguinte maneira: a imitação está em seu elemento na brincadeira, e não no brinquedo. (BENJAMIN, 1986, p. 247)

Para Benjamin, o que implica a criança na vivência do brincar não se restringe ao que supostamente o brinquedo representa, mas é na própria brincadeira que ela se envolve por um amálgama de realidade e imaginário cujas relações decorrentes configuram o teor dessa vivência. A brincadeira se constitui, assim, em uma situação na qual ocorre a imitação como estratégia de rerepresentar o vivido, observado e desejado, por certo, conteúdo das explorações que a criança realiza, ou seja, uma oportunidade





para conformar significados às suas vivências.

Nesse âmbito, pode-se pensar algumas constatações inspiradas pela perspectiva benjaminiana sobre a brincadeira e o brinquedo à construção de uma cultura infantil que parte do ponto de vista da criança. De um lado, a situação da brincadeira se constitui da confluência de processos de descobrimento do mundo e de apropriação da cultura que a criança realiza nesse espaço-tempo em que está imersa, por meio dela revela o seu vínculo com o contexto e uma forma de atuação sobre essa apropriação, interpretando-a por uma maneira sensível e peculiar. Por outro lado, o brinquedo somente se conforma como instrumento de brincar mediante os significados que a criança lhe atribui na vivência da brincadeira, também no que tange a sua relação com a cultura e com a sociedade. “Por isso, o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo” (BENJAMIN, 1986, p, 248).

Esse diálogo mudo a que Benjamin se refere, sugere pensar que não há um significado a decifrar, senão significados a construir a partir das relações que decorrem desse encontro da criança com um objeto da cultura, tal como se constitui sua experiência de ser criança em um mundo de adultos. Ademais, o próprio ambiente em que a criança é inserida, os contextos onde ela tem oportunidade de vivenciar interações diferenciadas, tal como os ambientes naturais, conforma uma gama de possibilidades à experiência da criança por aquilo que oferecem. Os elementos que compõem cenários de descobertas casuais e de reiteração de desafios significativos aos processos vividos pela criança em seus primeiros anos de vida, notadamente mediante conquistas à sua movimentação, são claramente mais provocadores quanto mais a materialidade disposta for instigante às descobertas que sua finitude sugere, e nesse ínterim, os ambientes naturais constituem uma multiplicidade de mundos a descobrir.

Pode-se observar a potencialidade da natureza como contexto de descobertas, a seguir, em duas sequências de narrativas visuais produzidas durante a vivência cotidiana de um grupo de crianças em torno de 16 meses. São momentos lúdicos em um ambiente natural, denominado Quintal das Frutas⁹, que oferece desafios pelo desnível do terreno, sua amplitude e composição com elementos distintos que, à perspectiva infantil, podem assumir uma dimensão extraordinária.

A primeira narrativa (Sequência 1) traz a interação da criança em foco com um galho, pela manifestação de gestos que sugerem a extensão de um imaginário que se alimenta do prazer em dominar o objeto e o próprio corpo.

contrapontos



SEQUÊNCIA 1 - BRINCADEIRA NO QUINTAL COM ELEMENTOS NATURAIS.



FONTE: A AUTORA (2018)

LEGENDA: VIVÊNCIA NO QUINTAL DAS FRUTAS, CRIANÇA DE 16 MESES, ESCOLA PARLEDA.

Nas imagens em destaque (Sequência 1), de forma integrada o domínio do corpo e do objeto-galho se evidencia pelo movimento coordenado das mãos e da postura ereta, sugerindo uma interação que transcende as ações de segurar o galho com destreza, para torná-lo um objeto-brinquedo, por meio de gestos elaborados como uma dança, seria possível ouvir o som de balbucios, a música do imaginário infantil.

A segunda narrativa (Sequência 2) apresenta o encontro da mesma criança com um banco, elemento fixo do Quintal das Frutas. Nessa interação, a criança parece atribuir ao banco o significado de objeto-brinquedo, com o qual realiza um repertório de ações que explicitam sua capacidade de movimentação.

SEQUÊNCIA 2 - BRINCADEIRA COM ELEMENTO DO QUINTAL.





FONTE: A AUTORA (2018).

LEGENDA: VIVÊNCIA NO QUINTAL DAS FRUTAS, CRIANÇA DE 16 MESES, ESCOLA PARLENDIA.

Na medida em que explora o corpo pela interação, a criança manifesta gestos e expressões que sugerem sensações de uma experiência lúdica com esse objeto-brinquedo, de experimentar o equilíbrio e dominar o próprio corpo. Nessa interação ou brincadeira, o banco poderia ser o cavalo, parceiro de aventuras que este lugar parece acender no imaginário da criança pelo repertório de movimentos que sugerem modos conhecidos - como montar um cavalo. Observando as imagens (Sequência 2) dessa criança na natureza, evidencia-se um corpo inteiro na interação com o objeto - banco de madeira - desde os pés à cabeça. Pode-se perceber reações de sua experimentação pelo movimento de braços e pernas que as características deste objeto lhe propiciam - formato, dureza, estabilidade -, circunstância cuja brincadeira consiste controlar-se pela manobra do próprio corpo e pelo equilíbrio, no banco, este objeto-brinquedo.

Em ambas narrativas visuais (Sequências 1 e 2) a interação da criança em foco com este ambiente natural, o Quintal das Frutas, revela certa complexidade manifesta pelo gesto e pelas expressões faciais. Parece determinante que a capacidade de movimentação da criança, representada no domínio do objeto-brinquedo e na sua expressão corporal, constitui condição evidente ao que as imagens explicitam, enquanto o gesto em si e sua expressividade convidam a pensar relações decorrentes do imaginário.

Nesse âmbito se instaura uma correlação de elementos da cultura, reconhecíveis pela capacidade da criança de acionar a função simbólica de representação, com a qual expressa sua percepção do mundo real. Tal como sugere Benjamin (1986), parece pertinente pensar que antes de nomear significados às suas brincadeiras, a criança apreende as características do objeto-brinquedo e as relaciona em seu mundo de vida de modo que tenha sentido para ela naquele momento.

Diante das situações apresentadas, pode-se pensar que, no momento de interação da criança pequena com o objeto-brinquedo oriundo da natureza, evidencia-se, inicialmente, uma vivência de exploração na qual acontece algo que sobrevém como em um encontro com o novo: seria a suspensão do tempo diante do desconhecido? A interrupção causada pelo estranhamento frente à materialidade do objeto induz a pensar em um vazio promissor, dada a ausência de referentes que clama por significação. Assim, sob o efeito da novidade, a criança estabelece relações com esse objeto da cultura, convertendo-o em um instrumento de brincar, que propicia sensações e impressões, as quais se consolidam em significados e, deste modo, configuram referências para ela.



Especialmente o reconhecimento da construção de referentes culturais pela criança soa como um saber essencial à prática educativa que a enleva como sujeito de seu processo, partícipe e centro da ação pedagógica. Nesse sentido, ao apresentar um mundo à criança, o adulto pode provocá-la a acionar suas potencialidades contemplando as demandas que explicita - desde a observação do que lhe interessa e dos repertórios de ações e conhecimentos manifestos em suas interações - e, sobretudo, considerando essa característica dela de agir sobre as coisas do mundo como quem perscruta.

Sob a ideia da valorização da experiência originária da vivência como conteúdo à significação do mundo, a perspectiva benjaminiana convida a pensar sobre esse processo em que a criança apreende as características das coisas, ou ações cotidianas do outro - adultos, crianças maiores ou de seus pares -, como brinquedos, cuja brincadeira consiste em converter a realidade em tempo vivido, mediado pelo imaginário e regido pela repetição. Sobre esse aspecto, Benjamin destaca "que a repetição é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer como 'brincar outra vez'" (1986, p. 252). Pois movida por um fazer de novo, a criança se mobiliza na brincadeira manobrando suas referências e descobertas, relacionando-as e, deste modo, constituindo experiência.

A criança recria essa experiência, começa sempre tudo de novo, desde o início. Talvez seja esta a raiz mais profunda do duplo sentido da palavra alemã *Spielen* (brincar e representar): repetir o mesmo seria seu elemento comum. A essência da representação, como da brincadeira, não é "fazer como se", mas "fazer sempre de novo", é a transformação em hábito de uma experiência devastadora. (BENJAMIN, 1986, p. 253)

O fazer de novo remete a essa ação corriqueira presente em quaisquer contextos em que habitam e brincam crianças. Uma vez que, na memória, se alojam fragmentos da vivência da infância de quando éramos autores de muitas repetições, inspirada nas imagens benjaminianas me reporto à minha infância.

As lembranças me levam para um quintal conhecido nos fundos da casa de meus pais, à mata em volta da nossa cabana na montanha, ao gramado da casa de praia, contextos onde em geral compartilhava brincadeiras com meus irmãos, primos e amigos, pares na construção de significados da cultura infantil. Lugares que se convertiam em realidades paralelas nas quais mergulhávamos inteiros, em que o mundo imaginário e a urgência de continuar a aventura nos mantinham conectados a essa circunstância. Nesses momentos, era o tempo que parecia parar por umas boas horas, enquanto nos lançávamos em nossas histórias intermináveis, apenas a fome nos fazia pausar o deleite que a fantasia nos guiava. E quando retomávamos no dia seguinte à brincadeira, por vezes voltávamos ao mesmo roteiro, aos mesmos papéis, aos mesmos objetos, às mesmas situações. Esse fazer de novo era a senha para viver algo especial e ao mesmo tempo único em cada momento. (Memória Narrativa 2, a autora, 2018)

Tais reminiscências da infância elucidam esse *fazer de novo* como uma possibilidade que só pode ser realizada sob uma condição de espaço-tempo. Não qualquer tempo, nem qualquer espaço. Mas um tempo alargado pelo vivido, pelo novo que surge em cada momento e resulta em experiência, em um espaço permeável pela liberdade de exploração, experimentação, repetição, criação, construção e reconstrução de repertórios.





Considerações que não concluem, senão instigam a novas possibilidades

O reencontro com a infância pelas lentes de Benjamin elucida essa distinção sobre os modos de enxergar o mundo, das perspectivas do adulto e da criança, para ressignificar o entendimento de certa obviedade, o sujeito se constitui do olhar infantil, mesmo que se corrompa pelo olhar adulto ao consolidar a vivência infantil em experiência. Enquanto o olhar infantil sugere ingenuidade, posto que a criança desconhece o mundo que ora urge descortinar, o olhar adulto se conforma por vários aspectos constituídos da experiência de descortinar o mundo, dentre eles as impressões e as percepções da criança que se compõem em sua memória como suas primeiras referências, ainda que supostamente esquecidas. Assim, parece que ter sido criança é o que permite ao adulto, de certa forma, estabelecer alguma conexão com esse olhar infantil, mesmo que lhe pareça distinto. Por outro lado, não se pode esperar que o adulto negue sua trajetória no mundo e se esqueça do que viveu, como se fosse possível voltar a ser criança. Somos constituídos de muitos tempos e marcados pela experiência, e deixar de ser criança é uma dessas marcas que nos transformam.

No entanto, por meio da relação, pode-se reconhecer o lugar do outro e o lugar que se ocupa, do que resulta algo construído nas interações e daquilo que se é capaz de realizar nesse encontro - observação, mediação, escuta, oferta. E neste íterim, subjaz ao adulto compreender a circunstância do lugar que a criança ocupa e o seu próprio e não esperar que ela o faça, como se fosse possível a ela se colocar no lugar do adulto quando ainda não o é. Dar o espaço para a criança se manifestar, expressar sua potência e construir seus referentes não é uma concessão, mas direito dela de viver e interpretar à sua maneira o mundo que ora se lhe apresenta no contexto educativo, o que se pode chamar de cultura infantil.

Referências

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Rua de mão única*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CONTRERAS, J. D.; PÉREZ, N. de L. F. (Comps.). *Investigar la experiencia educativa*. Madrid: Ediciones Morata, 2010.

_____. (Coord.). *Enseñar tejiendo relaciones*. Madrid, Morata, 2017.

COUTINHO, A. S. As narrativas visuais e a formação para a docência com os bebês e crianças bem pequenas. *RELAdEI*, 5.4, Formación del Profesorado de Educación Infantil, diciembre 2016, p. 70-77.

_____. *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*. Tese (Doutorado em Estudos da Criança). Braga: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2010.



GODALL, T. C. Movimiento Libre y entornos óptimos. Reflexiones a partir de estudios con bebés. RELAdEI, 5.3, Monográfico Pikler-Lóczy, septiembre 2016, p. 79-90.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KOSSOY, B. Fotografia e história. São Paulo: Ática, 1989.

VIEIRA, D. M. Imagens da experiência educativa de professores da educação infantil no espaço-ambiente do Proinfância. 2016. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

ZABALZA, M. A. Didáctica de la educación infantil. 5. ed. Madrid, España: Narcea, 2002.

Notas

¹ Trecho do texto Esconderijos apresentado na obra de Walter Benjamin intitulada "Rua de Mão Única" (BENJAMIN, 1995), a qual se compõe de pequenos ensaios como fragmentos das memórias desse autor, percepções e análises sobre a modernidade vivenciada por ele nas primeiras décadas do século XX.

² Benjamin indica como referentes de instrumentos de brincar objetos "extremamente arcaicos e alheios a qualquer máscara ideacional (apesar de terem sido na origem, presumivelmente, de caráter ritual): bola, arco, roda de penas, papagaio - verdadeiros brinquedos, 'tanto mais verdadeiros quanto menos dizem aos adultos'." (1986, p. 247).

³ As crianças pequenas representam neste artigo um pequeno grupo de bebês entre 08 e 16 meses, inseridos em uma instituição de educação infantil privada no município de Curitiba, a Escola Parlenda, onde a pesquisadora realiza consultoria e por meio desta propõe como estratégia de investigação a imersão no cotidiano para realizar a documentação pedagógica por meio do registro fotográfico, gerando dados à pesquisa, que também materializam instrumentos de discussão sobre a prática educativa.

⁴ O referido contexto de investigação tem sua proposta pedagógica estruturada pelos eixos interações, brincadeira, natureza e arte.

⁵ A documentação pedagógica aqui referida decorre do acompanhamento do processo educativo resultante de práticas propostas com crianças de 4 a 24 meses. Para esta investigação foram selecionadas cenas de sujeitos entre 08 e 16 meses. Vale ressaltar que, neste texto, os sujeitos das imagens estão identificados pela idade, sendo que o uso das imagens está devidamente autorizado pelas famílias, mediante termo assinado.

⁶ Acerca do filtro cultural Kossoy (1989), enfatiza que toda fotografia contém elementos que compõem o imaginário do fotógrafo acerca da realidade que representa na imagem, o que representa nesta pesquisa a experiência com os sujeitos em foco.

⁷ Referência ao "Cesto de Tesouros" de Elionor Goldschmied e Sonia Jackson (2006), prática bastante difundida no Brasil como proposta pertinente com bebês que já são capazes de sentar-se. Apresenta elementos cujas características podem despertar a curiosidade do bebê em explorá-los, o que os aciona em sua movimentação, por isso o recipiente em que esses elementos são oferecidos deve ter uma base larga para oferecer segurança aos bebês, que poderão apoiar-se nele para alcançar o objeto de interesse.





⁸ Karl Gröber é autor de uma obra referenciada por Benjamin por retratar a história do brinquedo concentrada “no espaço cultural europeu em que a Alemanha ocupava o centro geográfico desse espaço... também o seu centro espiritual” (BENJAMIN, 1986, p. 244) e por apresentá-la como uma conjugação de signos com os quais a criança interatua.

⁹ Ambiente externo da Escola Parlenda, onde as crianças frequentam diariamente como possibilidade de interagir pela exploração dos elementos naturais disponíveis, os quais também estão presentes nos ambientes internos.

Artigo recebido em: 25/07/2018

Aprovado em: 19/11/2018

Contato para correspondência:

Daniele Marques Vieira.

E-mail: danielemarquesvieira@gmail.com



contrapontos

